



São Paulo, 16 de dezembro de 2003

COMERCIÁRIOS PERDEM MAIS DE 40% DA RENDA DESDE 1995

De 1995 até este ano, os trabalhadores do comércio no município de São Paulo tiveram perda em seus rendimentos da ordem de 43,5%. Em outras palavras, o salário médio do comércio hoje equivale a R\$ 796,00, enquanto o rendimento médio de 1995 corresponde, em valores atuais, a R\$ 1.409,00, segundo dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) realizada em convênio pelo DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos - e a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade).

Essa perda de rendimento não se restringe aos comerciantes, ainda que para esta categoria tenha sido mais intensa. Também não é exclusiva do município de São Paulo. Na verdade, a renda do trabalho vem perdendo participação na renda nacional a cada ano. No final dos anos 50 e início dos 60, os rendimentos do trabalho tinham uma participação de cerca de 56% no PIB (Produto Interno Bruto).

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgados recentemente indicam que, entre 1990 e 2002, a queda na parcela referente aos rendimentos do trabalho chegou a 36,1%. Em 1990, essa participação correspondia a 45,4%. Também na PED, os dados referentes ao município de São Paulo indicam que os rendimentos do conjunto dos ocupados registraram uma queda de 31,4% de 1995 para cá.

O comportamento desses rendimentos segundo os setores de atividade econômica e, em particular os do comércio são o objeto deste estudo do DIEESE realizado por solicitação do Sindicato dos Empregados no Comércio de São Paulo.

Rendimento segundo setor de atividade

No município de São Paulo, a redução dos rendimentos para o conjunto dos ocupados entre 1995 a 2003 supera 25%. Os dados da Tabela 1 e do Gráfico 1 mostram que, ao longo deste período, a retração foi constante, com exceção dos anos iniciais, de 1995 a 1997. As maiores quedas ocorreram para os comerciantes, que viram seu poder de compra cair 43,5%, em oito anos - de R\$ 1.409,00, em 1995, a R\$ 796,00, em setembro de 2003 - e para a construção civil, caso em que o recuo foi de 34,5%.

Além do forte recuo, os dados indicam que, ao longo do período, aumentou a distância entre os salários pagos no comércio e na indústria. Se em 1995 o rendimento de um trabalhador do comércio correspondia a 87,9% daquele da indústria, em 2003 o comerciante recebe apenas 68,4% daquilo que ganha, em média, o empregado da indústria. Ao longo do período estudado, em apenas um momento (em 2000), a distância entre os níveis de rendimento de comércio e indústria foi maior.

TABELA 1

**Rendimento Real Médio dos Ocupados, segundo Setor de Atividade Econômica
Município de São Paulo - 1995-2003
(em reais de setembro de 2003)**

Setor de Atividade	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003 ⁽¹⁾	Varição (%) 2003/1995
Total de Ocupados	1.508	1.514	1.519	1.468	1.393	1.326	1.214	1.091	1.034	-31,4%
Indústria	1.608	1.671	1.735	1.639	1.515	1.474	1.323	1.200	1.163	-27,7%
Comércio	1.409	1.339	1.311	1.171	1.120	999	962	857	796	-43,5%
Serviços	1.664	1.679	1.676	1.662	1.588	1.515	1.376	1.238	1.183	-28,9%
Construção Civil	1.618	1.452	1.517	1.537	1.469	1.352	1.202	1.154	1.060	-34,5%
Distância no rendimento médio entre Comércio e Indústria	87,6%	80,1%	75,6%	71,4%	73,9%	67,8%	72,7%	71,4%	68,4%	

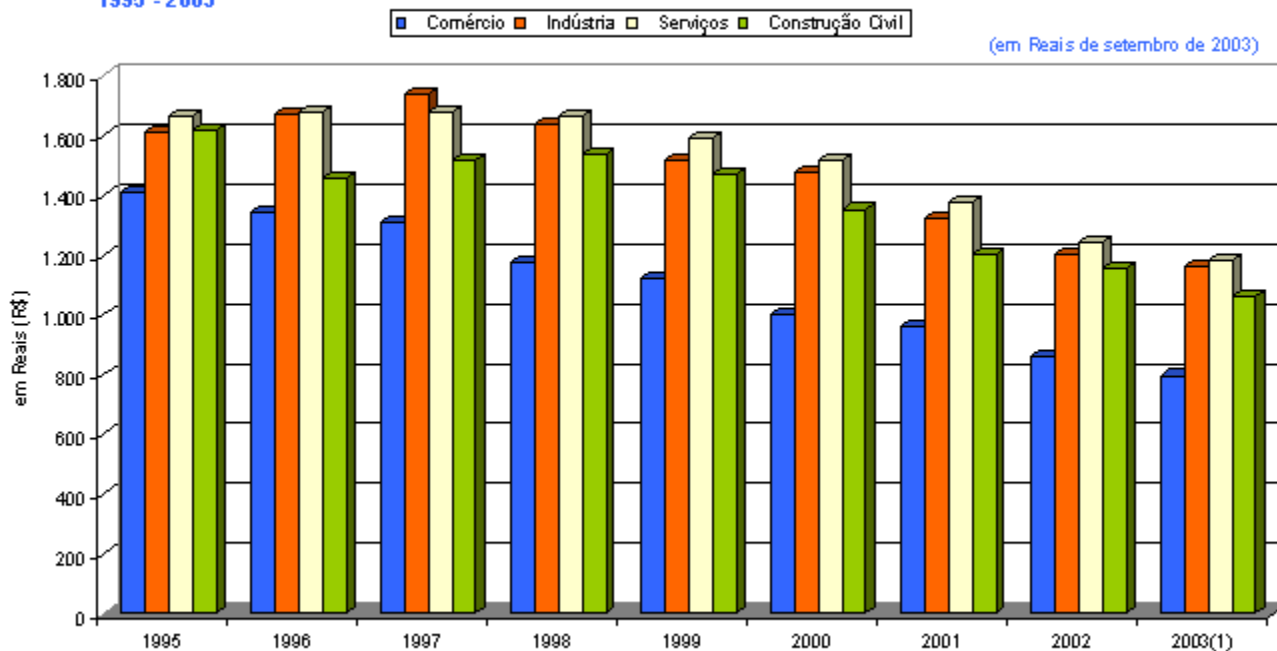
Fonte: Convênio DIEESE/SEADE. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego. Nota: (1) Dados até Setembro.

Obs: a) Exclui os assalariados e os empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício.

b) Inflator utilizado: IGV-DIEESE

Gráfico 1

**Rendimento Real Médio dos Ocupados, segundo Setores de Atividade
1995 - 2003**



Fonte: Convênio DIEESE/SEADE. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego.

Nota: (1) Dados até Setembro

Rendimentos e Posição na Ocupação

Quando se considera a trajetória da renda dos trabalhadores no comércio a partir da posição na ocupação - assalariado com ou sem carteira assinada, ou autônomo - também fica clara a diminuição generalizada nos vencimentos. Há, entretanto, diferença de patamar no percentual da queda verificada, entre, por exemplo, assalariados com carteira assinada e sem carteira e autônomos, como pode ser visto na Tabela 2.

Os dados permitem avaliar o desempenho dos rendimentos no comércio para os assalariados e, em particular, para os assalariados com carteira, que constituem a maior parcela dos trabalhadores do setor. No conjunto dos assalariados do comércio, a retração do poder aquisitivo dos salários ficou em 26,4%, entre 1995 e 2003, enquanto para o segmento dos com carteira assinada a queda foi ligeiramente superior, 27,8%.

Para os assalariados sem carteira, surpreendentemente, a compressão salarial foi menor -16,9%.

Os autônomos, por sua vez, registraram uma queda vertiginosa nos rendimentos, de 57,3%, no período em análise. Como conseqüência da menor redução nos rendimentos dos sem carteira, reduziu-se a distância entre os ganhos dos assalariados com carteira e daqueles que não possuem o vínculo formal. Se em 1995 os sem carteira ganhavam 60% do que ganhavam os trabalhadores formais, em 2003 passaram a receber aproximadamente 69%.

TABELA 2
Rendimento dos trabalhadores no comércio segundo posição na ocupação
Município de São Paulo - 1995-2003
(em reais de setembro de 2003)

<i>Posição na Ocupação</i>	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003 ⁽²⁾	<i>Variação (%)</i> <i>2003/1995</i>
Total de Ocupados no Comércio	1.409	1.339	1.311	1.171	1.120	999	962	857	796	-43,5%
Assalariados (1)	1.052	1.115	1.078	1.080	990	931	891	810	774	-26,4%
Com Carteira Assinada	1.171	1.273	1.197	1.210	1.092	1.032	982	880	846	-27,8%
Sem Carteira Assinada	698	706	760	714	719	697	666	631	580	-16,9%
Autônomo	1.245	1.085	1.093	883	869	713	723	647	532	-57,3%
Diferença no Rendimento Médio entre os assalariados Com Carteira e Sem Carteira	59,6%	55,5%	63,5%	59,0%	65,8%	67,5%	67,8%	71,7%	68,6%	

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego.

Notas: (1) Assalariados do Setor Privado.

(2) Dados até Setembro.

Obs: a) Exclui os assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício.

b) Inflator utilizado: ICV-DIEESE.

Rendimento Segundo Gênero

Independentemente do setor de atividade, os salários das mulheres sempre foram inferiores aos dos homens. No entanto, no período analisado, houve uma aproximação dos dois valores médios, uma vez que a queda ocorrida para o rendimento das mulheres (de 36,0%), foi inferior à apurada para os homens (45,4%), como mostra a Tabela 3.

TABELA 3
Rendimento Real Médio dos Ocupados no Comércio, segundo Sexo
Município de São Paulo - 1995-2003
(em reais de setembro de 2003)

<i>Sexo</i>	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003 ⁽¹⁾	<i>Variação (%)</i> <i>2003/1995</i>
Total de Ocupados no Comércio	1.409	1.339	1.311	1.171	1.120	999	962	857	796	-43,5%
Homens	1.649	1.564	1.534	1.365	1.302	1.159	1.102	980	901	-45,4%
Mulheres	996	969	944	865	829	754	757	671	637	-36,0%
Diferença no Rendimento Médio entre Homens e Mulheres	60,4%	62,0%	61,5%	63,4%	63,7%	65,1%	68,7%	68,5%	70,7%	

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego.

Nota: (1) Dados até Setembro.

Obs: a) Exclui os assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício.

b) Inflator utilizado: ICV-DIEESE.

Dessa forma, a distância entre a remuneração média paga às mulheres e aos homens diminuiu, uma vez que em 1995 as mulheres percebiam 60,4% do valor médio pago aos homens, enquanto em setembro de 2003, esse percentual correspondia a 70,7%.

Muito provavelmente a diminuição da diferença entre os rendimentos das mulheres e dos homens não se deveu à melhoria dos rendimentos femininos, mas a um achatamento dos salários dos homens.

Remuneração Segundo Cor

A análise dos salários segundo a cor também revela uma situação grave, uma vez que os negros têm, em média, rendimentos bastante inferiores aos dos não-negros, como mostra a Tabela 4. Entre 1995 e 2003, os ganhos dos negros - considerados aqui entre os pretos e pardos -, no município de São Paulo, tiveram queda de 38,9%. Para os não-negros a redução foi mais intensa, chegando a 43,0%.

Mesmo com uma redução menor, o trabalhador negro ganha praticamente a metade do que ganha o trabalhador não-negro. Os dados revelam que, em 1995, o não-negro percebia em termos médios o equivalente a R\$ 1.653 (a valores de setembro de 2003), enquanto o negro ganhava R\$ 840. Ou seja, a diferença entre o salário do negro e do não-negro era de 50,8%. Passados quase nove anos, a diferença é ligeiramente menor, ou seja, o negro recebe apenas 54,5% do salário do não-negro.

TABELA 4
Rendimento Real Médio dos Ocupados no Comércio, segundo Cor
Município de São Paulo - 1995-2003
(em reais de setembro de 2003)

Cor	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003 ⁽¹⁾	Varição (%) 2003/1995
Ocupados no Comércio	1.409	1.339	1.311	1.171	1.120	999	962	857	796	-43,5%
Negros	840	784	754	704	708	659	678	584	513	-38,9%
Não-negros	1.653	1.560	1.523	1.361	1.279	1.125	1.095	986	942	-43,0%
Diferença no Rendimento Médio entre Negros e Não-negros	50,8%	50,3%	49,5%	51,7%	55,4%	58,6%	61,9%	59,2%	54,5%	

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego.

Nota: (1) Dados até Setembro.

Obs.: a) Negros = pretos e pardos. Não-negros = brancos e amarelos.

b) Excluídos os assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício.

c) Inflator utilizado: ICV-DIEESE.

Considerações Finais

Independentemente da abrangência geográfica e do período de referência, tanto os dados das diversas pesquisas do IBGE quanto os da PED demonstram expressiva redução nos rendimentos do trabalho.

O IBGE aponta queda da participação dos salários no PIB, o que significa perda (transferência) da renda oriunda do trabalho para o capital. Até aí, nenhuma novidade. O que chama a atenção é a velocidade com que essa perda ocorreu, principalmente na década de 90 e nos primeiros anos da presente década.

Embora a perda ocorrida no período analisado tenha sido indiscriminada, foram os ocupados no comércio - assalariados ou não - os que registraram as maiores quedas nos rendimentos no município de São Paulo. Enquanto os ocupados em geral viram seus rendimentos serem reduzidos em 31,4%, entre 1995 e 2003, aqueles que trabalham no comércio tiveram, em igual período, uma queda de 43,5%.

Além da generalizada perda de renda ocorrida entre os trabalhadores do comércio, a diferença de seu rendimento médio em relação ao dos empregados da indústria foi significativa, tendo um aumento, no período analisado, de quase 20 pontos percentuais. Por outro lado, as diferenças salariais, quando se consideram atributos como gênero e cor, registraram pequenas diferenças, que não representam mudanças significativas, ainda que tenha ocorrido ligeira diminuição da distância dos rendimentos das mulheres em relação ao dos homens e dos negros em comparação com o de não-negros. A redução da diferença entre rendimentos, em todos os casos analisados, provavelmente verificou-se mais em decorrência do achatamento dos ganhos do conjunto dos trabalhadores do que da melhora dos rendimentos de segmentos específicos como negros e mulheres.